

ABORDAGENS EM ECOSAÚDE: princípios e atualizações

Rômulo Araújo da Rocha, Doutorando em Recursos Naturais do Cerrado, UEG/UnUCSEH,
romulorochapsi@gmail.com

Andressa Cavalcante Paz e Silva, Doutoranda em Recursos Naturais do Cerrado, UEG/UnUCSEH,
mfcandressa@gmail.com

Josana de Castro Peixoto, Doutora em Ciências Biológicas. Docente do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado, UEG/UnUCSEH, josana.peixoto@gmail.com

Resumo: A ecossáude surge como uma abordagem inovadora e necessária diante dos desafios impostos pela degradação ambiental e seus impactos na saúde humana. Ela insere-se dentro de uma problematização sobre a limitação do modelo biomédico tradicional, que desconsidera as complexas interações entre fatores ecológicos, sociais e culturais na determinação do processo saúde-doença. Parte-se do pressuposto de que a saúde humana está intrinsecamente ligada à integridade dos ecossistemas, sendo fundamental superar a fragmentação das políticas públicas. O objetivo geral deste trabalho foi analisar como a ecossáude, fundamentada em pesquisa transdisciplinar, participação social e equidade, pode promover soluções integradas para a saúde coletiva e a sustentabilidade ambiental. Os resultados evidenciam que a ecossáude amplia a compreensão dos impactos ambientais, incluindo o surgimento de novos transtornos mentais como solastalgia e eco-ansiedade, e aponta para a necessidade de políticas públicas participativas e intersetoriais, especialmente para grupos vulneráveis, consolidando-se como um campo promissor para a saúde pública contemporânea.

Palavras-chave: mudanças climáticas; ecossáude; ecoansiedade; solastalgia; gerontologia ambiental.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a partir do processo de industrialização no Brasil, houve o aumento progressivo de evidências que relacionam fenômenos ambientais, como as mudanças climáticas, aos processos de adoecimento humano. Para compreender melhor o tema, surge, portanto, uma nova disciplina chamada de Ecossáude. A ecossáude constitui-se como uma abordagem teórico-metodológica que tem ganhado ao longo dos últimos anos cada vez mais espaço nas pesquisas científicas epidemiológicas. Ela busca identificar estratégias de gestão dos ecossistemas para a construção participativa de soluções integradas que promovam a melhoria da saúde e das condições de vida das populações e a sustentabilidade dos ecossistemas. Essa abordagem baseia-se em três pilares metodológicos: pesquisa transdisciplinar, participação do conjunto de atores envolvidos e equidade social e de gênero (MERTENS, 2007). A partir desse contexto, é importante entender e compreender as alterações geradas no ambiente e o impacto dessas alterações na saúde das populações. Este trabalho objetivou apresentar um panorama atual da Ecossáude e discutir, por meio de uma revisão bibliográfica da literatura, outras abordagens emergentes associadas.

MATERIAIS E MÉTODOS ou PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, fundamentada em revisão bibliográfica. A metodologia consistiu na seleção, leitura e análise crítica de fontes teóricas relevantes para o tema em estudo, com o objetivo de compreender o estado da arte e identificar contribuições significativas da literatura. Foram utilizados como principais materiais livros acadêmicos, artigos científicos publicados em periódicos especializados e estudos de revisão previamente realizados na área.

A busca bibliográfica foi realizada em bases de dados eletrônicas como Scielo, Google Acadêmico, CAPES Periódicos e outras fontes indexadas, priorizando-se textos publicados nos últimos dez anos, sem excluir, no entanto, obras clássicas e fundamentais para a compreensão histórica e teórica do objeto de estudo. Os critérios de inclusão consideraram a relevância temática, o rigor metodológico e a contribuição teórica dos trabalhos. Foram excluídas publicações com escopo divergente, duplicações ou carência de embasamento teórico consistente.

A análise do material selecionado foi conduzida de maneira sistemática, buscando identificar convergências, lacunas, contradições e tendências emergentes na produção científica. O uso de estudos de revisão como fonte complementar permitiu o aprofundamento da discussão, possibilitando uma visão panorâmica e atualizada sobre o tema. A revisão bibliográfica, neste contexto, constitui-se como uma etapa essencial para a fundamentação teórica da pesquisa, oferecendo subsídios para a construção de argumentos e a delimitação de futuras investigações.

Para isso, discorreu-se sobre os achados dentro dos seguintes tópicos: “O Brasil e o valor do ambiente”, “O pensamento ecossistêmico”, “Conceitos e atualizações em Ecossaúde”, “A Ecossaúde e a saúde mental” e, por fim, “A Ecossaúde e a gerontologia ambiental”.

RESULTADOS

O trabalho destacou a relação intrínseca entre saúde, meio ambiente e sociedade, evidenciando como o modelo capitalista brasileiro historicamente relegou a saúde coletiva a um papel secundário, priorizando interesses econômicos. A industrialização e a expansão agrícola, especialmente em regiões como o MATOPIBA, resultaram em degradação ambiental, poluição e surgimento ou agravamento de doenças relacionadas à falta de saneamento e desequilíbrios ecológicos. A abordagem ecossistêmica em saúde, denominada ecossaúde, surge como resposta a essas complexidades, integrando fatores biofísicos, socioeconômicos e culturais para compreender e mitigar impactos ambientais na saúde humana. Conceitos como topofilia, biofilia, solastalgia e eco-ansiedade ilustram novas formas de adoecimento mental associadas à degradação ambiental e às mudanças climáticas. A ecossaúde propõe uma gestão participativa e transdisciplinar dos ecossistemas, visando tanto a saúde das populações quanto a sustentabilidade ambiental, e destaca a necessidade de políticas públicas integradas, especialmente para grupos vulneráveis como idosos, no contexto da gerontologia ambiental.

DISCUSSÃO

A saúde ambiental no Brasil está profundamente marcada por processos históricos de industrialização e urbanização, que negligenciaram a preservação dos ecossistemas e, consequentemente, a saúde coletiva. A emergência de transtornos mentais como solastalgia, eco-ansiedade e luto ecológico (ALBRECHT, 2019) reflete o impacto psicológico das mudanças ambientais, indicando que a degradação do meio ambiente ultrapassa danos físicos e atinge o bem-estar emocional das populações. A ecossaúde, ao propor uma abordagem interdisciplinar e participativa, representa um avanço teórico e prático, pois reconhece a interdependência entre saúde humana e equilíbrio ecológico. No entanto, o texto aponta que a aplicação efetiva dessa abordagem ainda é incipiente, especialmente em políticas públicas voltadas a grupos específicos, como idosos. A necessidade de superar o modelo biomédico tradicional e incorporar a dimensão ambiental nas práticas de saúde pública é urgente, sobretudo diante das novas demandas impostas pelas mudanças climáticas e pela crescente urbanização. O

fortalecimento da ecossaúde depende do desenvolvimento de metodologias adequadas, maior compreensão teórica e integração entre setores sociais, ambientais e de saúde.

CONCLUSÕES

A abordagem da ecossaúde se mostra fundamental diante dos desafios impostos pelas mudanças ambientais e seus impactos na saúde física e mental das populações. Ao integrar dimensões ecológicas, sociais e psicológicas, a ecossaúde amplia o olhar sobre o adoecimento contemporâneo, especialmente em grupos vulneráveis como idosos. Além disso, estimula a formulação de políticas públicas mais inclusivas e sustentáveis, promovendo a corresponsabilidade e a participação social. O fortalecimento dessa perspectiva é essencial para garantir qualidade de vida e resiliência diante das transformações ambientais em curso.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - processo 88887.150114/2025-00.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. O bem viver : uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo : Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p. ISBN 978-85-69536-02-4

ALBRECHT G *et al.* Solastalgia: the distress caused by environmental change. *Australasian Psychiatry*, 15(sup1):S95–S98, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10398560701701288>

ALBRECHT, G. A. Chronic Environmental Change and Mental Health. *Climate Change and Human Well-Being: Global Challenges and Opportunities*, edited by Inka Weissbecker, 43–56. New York: Springer, 2011.

ALBRECHT, G. A. *Earth emotions: new words for a new world*. Ithaca : Cornell University Press, 2019. 256p. ISBN 9781501715228.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. 5ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2013. <http://www.dsm5.org/ProposedRevision/Pages/proposedrevision.aspx?rid=164>. Acesso em 29/8/2022.

CORVALAN, C. *et al.* Ecosystems human well-being: health synthesis: a report of the Millenium Ecosystem Assessment.. Geneva: WHO, 2005.

CHRISTENSEN BK *et al.* The Brief Solastalgia Scale: A Psychometric Evaluation and Revision. *EcoHealth*, 21, 83–93, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10393-024-01673-y>.

MERTENS, F. Resenhas book reviews: abordagem ecossistêmica em saúde: ensaios para o controle da dengue. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.23, n.3,mar. 2007.